



**Alex Santos tem estratégias bem-humoradas para atrair clientes**

“A rua do Saldanha fica no Centro Histórico, um dos lugares mais emblemáticos da cultura baiana, e a rua do Paraíso tem acesso facilitado para praticamente todas as regiões da cidade através da Estação da Lapa, da Barroquinha e da Carlos Gomes. E são locais do Centro em que, no imaginário coletivo, pode-se encontrar tudo que se precisa”, diz Laila, ao comparar os perfis das ruas do Saldanha e Paraíso aos da avenida Mário Leal Ferreira (Paralela) e da Alameda das Espátódeas, no Caminho das Árvores.

“A Alameda das Espátódeas tem lojas de decoração que atendem a um público de classe média/alta que pode residir em seu entorno. Já a Mário Leal Ferreira tem concentração de lojas do setor automobilístico, é uma via arterial, que conecta regiões diferentes e por onde passa um grande fluxo de veículos. Não poderia desenvolver um comércio segmentado que demandasse trajetos a pé”, argumenta.

**O funcionário Artur Farias tem “aposentadoria” consertando bolas**

ADILTON VENEGEROLES / AG. A TARDE



## ORDENAÇÃO FUNDADORA

No entendimento do jornalista Luiz Eduardo Dorea, autor do livro *Histórias de Salvador nos Normes das suas Ruas*, a concentração de lojas especializadas numa rua é costume antigo. Cita as ruas dos Algibeles (roupas de baixo padrão), dos Tanoeiros (venda de tónéis), Calafates (barcos) e dos Ourives (de ouro).

Segundo ele, no tempo de fundação da cidade, esse fenômeno estava ligado tanto a uma religiosidade, como ao ordenamento medieval europeu.

“Eram corporações que tinham relações com parceiros, diferente dos sindicatos de hoje. Já existia a tendência dos comerciantes se reunirem a partir da sua atividade”, diz Luiz Eduardo, que, quando necessita de produtos de informática, vai à rua do Salete.

A possibilidade de resolver o que precisa caminhando é ressaltada por Laila como um atrativo desses espaços. Além disso, considera “uma experiência rica, dinâmica e singular”, para além do consumo. “A rua é o espaço público em sua essência. É nesse lugar que se expressam as nossas diferenças e aquilo que nos é comum”, afirma, aludindo a um passeio na rua do Paraíso e as suas lojas de festa.

“Você pode tirar a manhã para passar por todas, pesquisar os menores preços e economizar. Pechincha, tem a possibilidade de encontrar o inusitado, re-encontrar e conhecer pessoas, tomar caldo de cana ou encontrar algo que sequer lembrava que precisava”.

A rua do Paraíso é uma das mais movimentadas. Como comenta uma jovem na lojinha Paraíso das Festas, “mesmo na crise, ninguém deixa de fazer festa maior pegam a estrada para a capital baiana apenas pa-